

A ESCOLA ENQUANTO INSTÂNCIA CULTURAL: OBSERVAÇÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE CULTURA ESCOLAR

Anelise Martinelli Borges de Oliveira

Universidade Estadual Paulista - Campus Marília, anelisemartinelli@gmail.com

Agência Financiadora: CAPES

Apresentação

Nos últimos trinta anos, boa parte dos estudos acadêmico-científicos no âmbito da História da Educação tem enfatizado a instituição escolar enquanto espaço de cultura. Esses estudos foram responsáveis pela institucionalização de uma concepção relacionada ao processo histórico-social da escola como a de “cultura escolar”. Dessa forma, a cultura adquiriu uma importância fundamental na compreensão dos fenômenos internos da escola, que não mais se limitavam à prática educativa.

Como forma de se compreender essa concepção, o presente trabalho tem por objetivo analisar parte da produção historiográfica da educação que trata do conceito de cultura escolar. Para tanto, nosso campo de investigação será pautado na análise dos autores nacionais AZANHA (1991), e, FARIA FILHO; GONÇALVES; PAULILO; VIDAL (2004), como também nos autores internacionais VIÑAO (2001), JULIA (2001) e ESCOLANO (2006).

Historiografia da educação selecionada que aborda a concepção de *cultura escolar*

De acordo com parte da historiografia da educação nas últimas décadas, o estudo do aspecto cultural presente na instituição escolar é fundamental para que se entenda a dinâmica que perpassa a escola em determinada temporalidade e espacialidade.

Com relação à historiografia brasileira que aborda a concepção de cultura escolar, o estudo de José Mário Pires Azanha é considerado determinante. Com o objetivo de realizar um “mapeamento cultural” da escola, o autor desenvolveu um artigo que auxilia os professores de Educação da Universidade de São Paulo.

Conforme atesta o autor, antes de se compreender qual a finalidade da escola, é

necessário que se entenda que a educação brasileira passa por uma crise de ordem política, precisando ser pensada em decorrência do desenvolvimento histórico de sua própria cultura. A partir disso, Azanha (1991, p. 67) afirma que a escola deveria ser percebida como uma instância de complexas relações sociais, na qual as “práticas escolares e os seus correlatos (objetivados em mentalidades, conflitos, discursos, procedimentos, hábitos, atitudes, regulamentações, "resultados escolares" etc.)” são primordiais para uma efetiva compreensão sobre a situação escolar.

Para Azanha (1991, p. 69), a concepção de cultura escolar decorre ainda do estudo de três pontos inter-relacionados: as “decisões extraescolares” (como, por exemplo, as políticas educacionais), as “mentalidades” (como, por exemplo, os modos de pensar dos indivíduos que integram o espaço escolar), e as “práticas escolares” (como, por exemplo, os métodos utilizados no processo ensino-aprendizagem).

Enquanto instituição que possui uma cultura específica e certo grau de autonomia, a escola é cenário de uma ampla rede de transmissões culturais que se integram de forma a propagar, em uma determinada sociedade, pluralidades políticas, econômicas, sociais e históricas.

Ainda com relação à historiografia nacional acerca da concepção de cultura escolar, o artigo produzido por Luciano Mendes de Faria Filho, Irlen Antônio Gonçalves, Diana Gonçalves Vidal e André Luiz Paulilo é igualmente importante, uma vez que salienta o modo como a cultura escolar é apropriada por pesquisadores de História da Educação no Brasil.

Os autores atentam para o fato de que, durante um longo período, a tradição historiográfica educacional brasileira esteve voltada para o estudo histórico-formal dos currículos e dos programas de ensino e que, nos últimos anos, as pesquisas acadêmicas no campo da história da escola têm evidenciado a investigação etnográfica e os estudos de caso. Essa nova percepção do universo escolar enquanto instância de cultura permitiu o desenvolvimento de pesquisas relacionadas com as práticas internalizadas na escola e com os sujeitos que compõem esse espaço. De acordo com os autores, isso se mostra evidente “no aumento de interesse pelas trajetórias de vida e profissão e no engajamento que observa análises organizadas em torno de questões de gênero, raça e geração” (FARIA FILHO; GONÇALVES; PAULILO; VIDAL, 2004, p. 141).

Segundo esses autores, a noção de cultura escolar é, atualmente, responsável pelo diálogo com a historiografia e com as demais áreas e ciências da educação. Esse entendimento sobre a escola traz a ideia de que o espaço escolar é uma “instituição de socialização nos tempos modernos” (FARIA FILHO; GONÇALVES; PAULILO; VIDAL, 2004, p. 154). A

cultura escolar, segundo eles, deve ser relacionada com outras instituições que também promovem a socialização de crianças e jovens, como a família, a Igreja e o mundo do trabalho. Nesse aspecto, o estudo das práticas escolares enquanto portadoras e formadoras da materialidade do espaço escolar é fundamental para a compreensão de uma cultura escolar inserida no processo de constituição de uma sociedade escolarizada.

No que concerne à historiografia estrangeira que aborda a temática, o pesquisador espanhol Antonio Viñao observa que a cultura escolar está associada ao próprio processo histórico das instituições escolares, devendo ser compreendida a partir de sua relação de reciprocidade com a *gramática de la escuela*. Com relação à tipologia das duas expressões, o autor afirma que é necessário se considerar as seguintes perspectivas:

aspectos que [...] condicionan el relativo êxito o fracaso de dichas reformas – contextos social y político, apoyos o resistencias, contradicciones internas, financiación etc; los efectos e influencia de las reformas en la cultura y viceversa; y los cambios a largo y medio plazo en la misma cultura popular, porque, todo hay que decirlo, las culturas escolares también cambian: no son eternas. Constituyen una combinación – entre otras muchas posibles – de tradición y cambio (VIÑAO, 2001, p.33).

Esses dois conceitos, segundo ele, possuem semelhanças no que se referem aos pressupostos básicos de continuidade, estabilidade, sedimentação e autonomia. Apesar da semelhança entre as duas expressões, Viñao prefere trabalhar com o conceito de cultura popular, por perceber que este é um conceito mais amplo e abrangente. A cultura escolar pode ser entendida como

[...] un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos e prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas a lo largo del tiempo em forma de tradiciones, regularidades u reglas de juego no puestas em entredicho u compartidas por sus actores em el seno de las instituciones educativas. (VIÑAO, 2001, p. 29).

Assim, a cultura escolar seria, simultaneamente, objeto de permanências e durações, na qual a passagem da tradição por meio das gerações constitui o que o autor denomina de “continuidad y persistencia”.

Para se entender o processo de sedimentação da cultura escolar, é necessário, também, compreender as práticas que compõem o universo da instituição escolar. No entendimento de Viñao, a instituição escolar precisa ter uma característica dinâmica, baseada na criação de culturas próprias e na produção do saber e, não, ser uma simples reprodutora de conhecimentos externos.

Com relação à organização das instituições escolares, o autor afirma que as reformas escolares têm sido bastante empregadas pelos “reformadores” políticos. No entanto, para ele

“las reformas se suceden, una tras otra, sin alterar lo que de hecho sucede en las instituciones educativas” (VIÑAO, 2001, p.21). O fracasso dessas reformas ocorre, muitas vezes, por não se conhecer a existência da cultura escolar nas práticas educativas sedimentadas ao longo dos anos. Percebe-se, pois, que, para ele, o conhecimento sobre o conceito de cultura escolar é primordial para o êxito das reformas escolares.

Já para o autor francês Dominique Julia, a cultura escolar pode ser pensada como um objeto histórico que possui normas e finalidades que regem a escola. Assim, também pode ser definida como

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10, grifos do autor).

Essas normas e práticas, de acordo com Julia, precisam ser analisadas a partir dos sujeitos que são chamados a utilizar determinados mecanismos pedagógicos e que devem acatar determinada ordem.

Ao se estudar os condicionantes da cultura escolar, é preciso, ainda, que se considere o espaço extraescolar, no qual “pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização” (JULIA, 2001, p. 11).

Segundo Julia, o estudo da cultura escolar é decorrente de um amplo processo histórico, no qual as relações culturais que se estabelecem em determinados tempos e espaços – sejam elas políticas, populares ou religiosas – são primordiais. A transmissão de códigos, comportamentos e *habitus* ao longo dos anos permite entender que a apropriação de diferentes práticas culturais ocorre constantemente no universo escolar.

Em outra vertente de pensamento encontra-se Augustin Escolano (2006). Para esse pesquisador espanhol, a cultura escolar precisa ser pensada a partir do contexto didático, bem como, a partir de três âmbitos. São eles: “la cultura empírica que los enseñantes, y también los alumnos, han creado em la misma práctica”, em que os saberes são produzidos por professores e alunos; “los conocimientos que conforman el saber experto generado a través de la investigación y la reflexión”, os quais passaram a se desenvolver devido à criação de instituições acadêmicas no século XIX; e, “discurso y las prácticas normativas de orden político-institucional que definieron el sistema educativo como organización”, uma vez que a

estrutura política representa, de certa forma, as regras e intenções de uma forma representativa da cultura escolar (ESCOLANO, 2006, p. 24-25).

Escolano também considera a cultura escolar como uma representação. De acordo com ele, essa representação está condicionada aos contextos nos quais se produzem e circulam a memória escolar. Cada sujeito que participa do espaço escolar atribui certo sentido às imagens e linguagens da representação ao interpretar essa cultura. Dessa forma, a representação da cultura escolar pode ser exemplificada em quatro grandes âmbitos: as estruturas (tempos, espaços e formas de organização escolar), os atores (sujeitos que interferem na “cena” da vida escolar, especialmente professores e alunos), o programa (o que a escola transmite, seu currículo), as mediações (que influenciam a cultura material e o processo ensino-aprendizagem).

Desde as primeiras décadas do século XX, as práticas escolares passam por modernizações. No entendimento de Escolano, essas modernizações, contudo, ocorrem de forma lenta, de modo a não substituir o trabalho dos professores, os quais sempre mantiveram uma função importante na recriação (ou invenção) da cultura empírica da educação.

Considerações finais

Esse trabalho objetivou analisar parte da historiografia da História da Educação que aborda a concepção de cultura escolar. De acordo com os estudos de AZANHA (1991), FARIA FILHO; GONÇALVES; PAULILO; VIDAL (2004), VIÑAO (2001), JULIA (2001) e ESCOLANO (2006) pode-se compreender a finalidade cultural da escola enquanto instrumento/instituição cultural.

Atualmente, a concepção de cultura escolar está associada a uma dialética de sistemas e práticas, uma dimensão da vida social em sua configuração lógica e espacial. Enquanto sistema de símbolos – os quais abrangem, de certa forma, o conhecimento científico, as habilidades, as práticas, os valores, as linguagens e as prescrições de comportamento – a cultura escolar está sujeita à transformação.

Longe de se esgotar as reflexões sobre a concepção de cultura escolar da historiografia utilizada, uma vez que os próprios autores aqui citados podem ser mais estudados, o resultado parcial desse trabalho incide sobre o entendimento da constituição da cultura escolar enquanto um sistema transmissor de práticas culturais, inserido em determinado tempo e espaço.

Referências

AZANHA, José Mário Pires. Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisas. *Revista da USP*, São Paulo, n. 8, p. 65-69, dez./fev. 1990-1991.

ESCOLANO, Agustin. La cultura de la escuela en el sistema educativo liberal. In: *História ilustrada de la escuela em España*. Dos siglos de perspectiva histórica. Madrid: Fundaciín Germán Sánchez \ruipérez, 2006, p. 23-46.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; PAULILO André Luiz e VIDAL Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Revista Educação e Perspectiva*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de Gisele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 1, jan./jun., p. 9-43, 2001.

VIÑAO, Antonio. Fracasan las reformas educativas? La respuesta de um historiador. In: Sociedade Brasileira de História da Educação (org.). *Educação no Brasil*. História e historiografia. Campinas: Autores Associados; São Paulo: SBHE, 2001, p. 21-52.

